

Guia para diretores e professores  
Reflexões e práticas sobre  
violência e convivência escolar

**FAÇA VOCÊ MESMO!**



@ edições FLACSO Brasil

Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais  
Banco Interamericano de Desenvolvimento

## **PRODUÇÃO EDITORIAL**

### **Autoras**

Miriam Abramovay (Coordenadora)  
Ana Paula da Silva  
Eleonora Figueiredo

### **Assistente de pesquisa**

Alencia de França Sousa

**Revisão:** Margareth Doher

**Ilustração e design gráfico:** Estúdio Capima

**ABRAMOVAY, Miriam. Coord.**

**Guia para diretores e professores: reflexões e práticas sobre violência e convivência escolar: faça você mesmo /** Miriam Abramovay, Ana Paula da Silva, Eleonora Figueiredo. Rio de Janeiro: FLACSO - Brasil, BID, 2018. 89p.

ISBN: 978-85-60379-49-1

Edição: 1

Ano de Edição: 2018

Local de edição: Rio de Janeiro

1 – Sociologia da Educação. 2 – Violência nas escolas. 3 - Escola. 4 – Convivência escolar. I – FLACSO – Brasil. II – BID.

# EQUIPE RESPONSÁVEL

## COORDENAÇÃO

Miriam Abramovay

## AUTORES

Miriam Abramovay  
Ana Paula da Silva  
Eleonora Figueiredo

## EQUIPE DE CAMPO

### Fortaleza/CE

Miriam Abramovay  
Ana Paula da Silva  
Érica Maria Santiago  
Sara Lopes  
Ticiania Santiago de Sá

### Educomunicação

Francisco Rones Costa Maciel  
Cristhyana Francisca Antônia de Abreu Bernardo  
Ricardo Henrique Gonzaga Raulino  
José Augustiano Xavier dos Santos

### Porto Alegre/RS

Miriam Abramovay  
Eleonora Figueiredo  
Paula Fabiana Pinheiro  
André Luís Leite

### Educomunicação

Rui Antonio de Souza

## ASSISTENTE DE PESQUISA

Alenicia de França Sousa

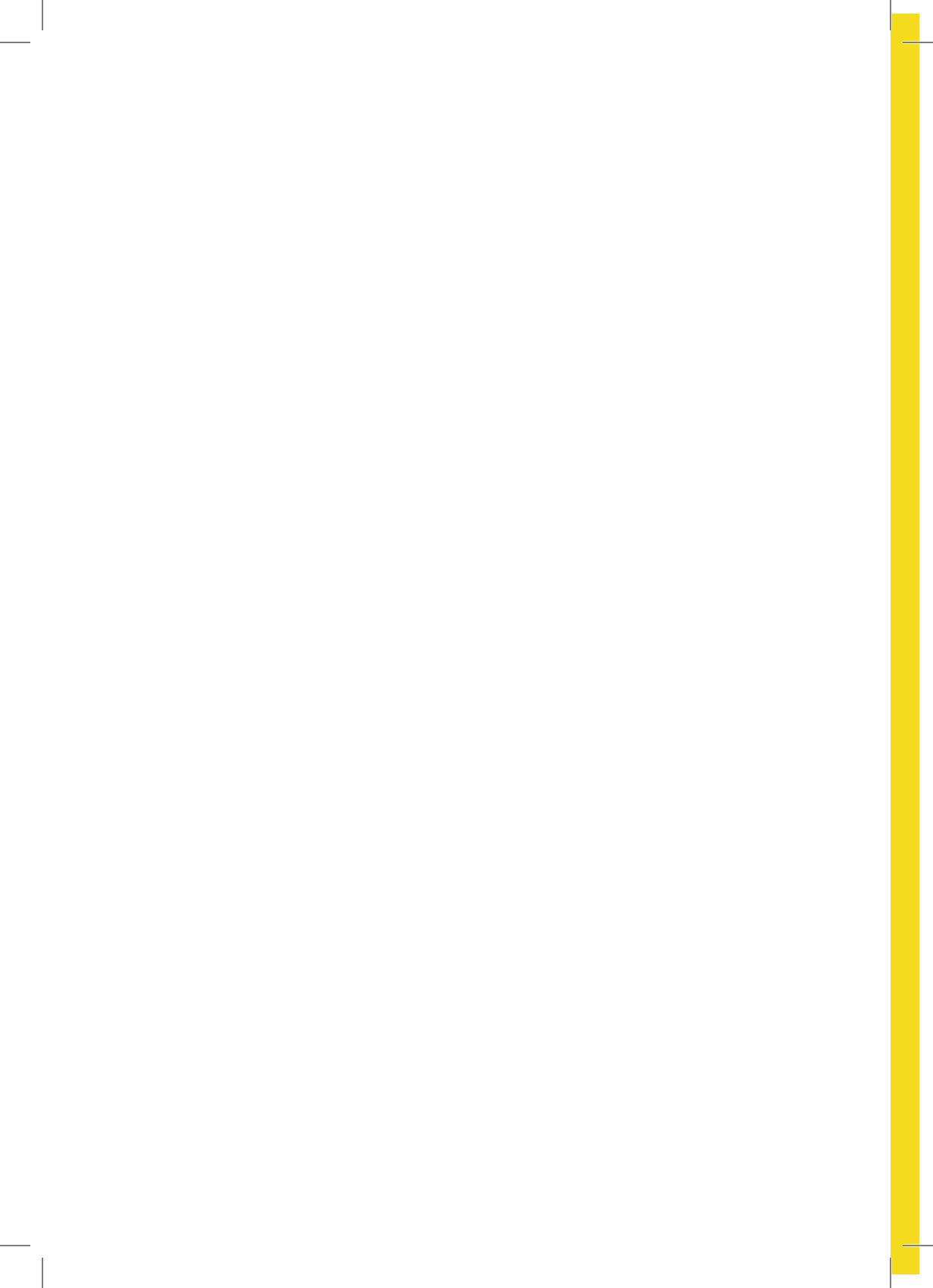
## REVISÃO

Margareth Doher

## ILUSTRAÇÃO E DESIGN GRÁFICO

Estúdio Capima





## ADVERTÊNCIA

No intuito de usar a linguagem inclusiva de gênero e preservar a fluidez da leitura evitando a sobrecarga gráfica, optou-se pelo emprego do masculino genérico, quando não especificada a diferenciação de gênero.

*Começou muito cedo. Eu não entendia. Quando passei a voltar sozinho da escola, percebi esses movimentos. Primeiro com os moleques do colégio particular que ficava na esquina da rua da minha escola. Eles tremiam quando meu bonde passava. Era estranho, até engraçado, porque meus amigos e eu, na própria escola, não metíamos medo em ninguém. Muito pelo contrário, vivíamos fugindo dos moleques maiores, mais fortes, mais corajosos e violentos. Andando pelas ruas da Gávea, de uniforme escolar, me sentia um desses moleques que me intimidavam na sala de aula. Principalmente quando passavam na frente do colégio particular, ou quando uma velha segurava a bolsa e atravessava a rua para não topar comigo.*

***Sol na cabeça, Giovani Martins***



## Sumário

1. APRESENTAÇÃO 7
2. SOBRE O PROGRAMA “O PAPEL DA EDUCAÇÃO PARA JOVENS AFETADOS PELA VIOLÊNCIA E OUTROS RISCOS NO CEARÁ E NO RIO GRANDE DO SUL” 9
3. GESTÃO DEMOCRÁTICA 21
4. JUVENTUDE E PARTICIPAÇÃO 28
5. VIOLÊNCIAS E CONVIVÊNCIA ESCOLAR 36
6. ATIVIDADES QUE PODEM COLABORAR PARA UM PROGRAMA DE CONVIVÊNCIA ESCOLAR 47
7. RECOMENDAÇÕES PARA UM PROJETO SOBRE CONVIVÊNCIA ESCOLAR 83
- BIBLIOGRAFIA 86



## APRESENTAÇÃO

Várias pesquisas realizadas durante os últimos anos mostraram que o fenômeno das violências é detectado na maioria das unidades escolares dos Estados e Municípios do Brasil, problema que se repete em toda a América Latina, o que nos levou a executar a tarefa de desenvolver um programa sobre o tema.

Neste sentido, esta publicação é fruto de dois anos de experiências do Programa “O papel da

educação para jovens afetados pela violência e outros riscos no Ceará e no Rio Grande do Sul” realizado pela Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (Flacso Brasil) em parceria com o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID). Buscamos ao longo deste processo abranger os principais temas da contemporaneidade ligados às violências e convivência nas escolas, através de uma perspectiva reflexiva e prática que poderá contribuir para reflexões e enfrentamentos aos vários problemas existentes.

Neste período, 2016-2017, foram realizadas pesquisas, capacitações teórico-práticas e debates a partir de um conjunto

de ideias e pressupostos sobre violência e convivência escolar incorporando diagnósticos participativos com professores, estudantes e diretores, permitindo a construção de um consistente banco de dados.

Os resultados serviram de subsídio e fonte de informações estratégicas para um amplo, democrático e sistêmico programa desenhado a partir de um Plano de Ação que orientou o trabalho de estudantes ao longo de 2017.

Nessa metodologia emancipatória de planejamento, organização e participação, os jovens tiveram a oportunidade de desenvolver suas capacidades, trocar afeições,

experiências, expressar e sistematizar informações, demandas, alternativas e estratégias apropriadas à promoção de um melhor clima escolar.

Desse modo, esperamos que este Guia possa colaborar e contribuir com os adolescentes e jovens em suas ações e debates cotidianos.

Pretendemos que subsidie metodologias de trabalhos daqueles que querem transformar sua prática de forma crítica e criativa, participativa e democrática.

A importância desta publicação se dá na medida em que sintetiza e traduz o Programa com textos aces-




síveis e algumas propostas pedagógicas vivenciadas e transcritas pela equipe da Flacso em campo.

O Guia está dividido em cinco capítulos, que abordam o Programa implementado nas escolas e temas como juventude e participação, violências e convivência escolar. A publicação também contempla conteúdos práticos de como trabalhar os temas das violências e convivência nas escolas.

Espera-se que este material seja apropriado pelos estudantes e adaptado, utilizado e multiplicado.

## **SOBRE O PROGRAMA “O PAPEL DA EDUCAÇÃO PARA JOVENS AFETADOS PELA VIOLÊNCIA E OUTROS RISCOS NO CEARÁ E NO RIO GRANDE DO SUL”**

**A**s instituições educacionais vêm sendo acometidas e sofrendo dificuldades em prevenir e solucionar questões relacionadas a violências e convivência que ameaçam o cotidiano escolar. Através de diagnósticos onde se analisou os resultados de *surveys* e a palavra dos estudantes, professores, direção e pais/responsáveis foi possível elaborar um modelo estratégico de intervenção envolvendo a comunidade escolar tendo como ator fundamental o jovem



estudante. Esta foi uma proposta da parceria BID/Flacso Brasil pautada nos trabalhos que a instituição Flacso Brasil vem acumulando sobre violência e convivência escolar.

Nesse sentido, o Programa “O papel da educação para jovens afetados pela violência e outros **riscos** no Ceará e no Rio Grande do Sul” foi desenvolvido entre 2016 e 2017 tendo como ponto de partida o envolvimento de alunos, professores e direção, a fim de identificar tanto os riscos que enfrentam os jovens, quanto os fatores de proteção existentes na escola, na comunidade e na família. Assim, este trabalho foi realizado através de pesquisas qualitativas e **surveys** com o propósito de apoiar as escolas na implementação de estratégias que pudessem contribuir para a redução da violência escolar, melhorar a convivência, o desempenho de alunos e desenvolver competências relevan-

Os fatores de risco podem ser condições, comportamentos ou situações de ordens diversas, sejam econômicas, sociais, culturais, políticas ou psicológicas, advindas por ações externas ou características internas, que interfiram negativamente no desenvolvimento humano (LIBÓRIO E CASTRO, 2009, p. 189).

Método de pesquisa quantitativa utilizando, normalmente, um questionário, para a obtenção de dados ou informações sobre características, ações ou opiniões de determinado grupo de pessoas indicado como representante de uma população alvo.



tes em suas vidas.

Foram obtidas informações através das pesquisas junto aos atores das escolas estudantes, professores, direção, coordenação e pais/responsáveis sobre a realidade, e a partir dos resultados, refletir com a comunidade escolar sobre riscos, fatores de proteção, relações sociais, dentre outros, com a perspectiva de mitigar as violências existentes que prejudicam o clima escolar e, não raro, causam repetência, aban-

dono e evasão. O Programa também buscou estudar as percepções que o próprio jovem tinha da sua escola e sua realidade, onde se mostraram sentidos e inquietações sobre várias situações vividas.

Ressaltou-se a importância de discutir a escola como lugar possível de aprendizagem e criação, resgatando seu compromisso social com a participação dos adolescentes e jovens por uma sociedade mais justa.

Neste sentido, o Programa aprofundou e buscou entender melhor a relação entre a violência, a condição socioeconômica, a exclusão social na comunidade e a exclusão escolar a

fim de compreender como a escola pode contribuir para a prevenção da violência e da vitimização de adolescentes e jovens. O Programa pretendeu ainda, contribuir para aumentar os níveis de **resiliência** através de atividades formativas e práticas dentro das escolas, e que essas fossem capazes de cooperar para a superação das adversidades que os jovens enfrentam diariamente, assim como melhorar suas relações sociais e níveis de escolaridade.

Este Programa teve como propósito primeiro a participação efetiva dos estudantes, sob orientação de professores e apoio da direção, onde passaram a discutir e refletir sobre os temas como violências nas escolas, como se dão as relações sociais, fatores de risco e de proteção existentes, racismo, homofobia, cuidado com o patrimônio público etc., os quais foram imprescindíveis para o desenvolvimento do trabalho,

Resiliência é um processo dinâmico, mutável que envolve a dimensão social e psíquica, associada a possibilidade de enfrentamento e superação de adversidade. São ações que buscam mudanças positivas. (ASSIS, et al, 2008). Resiliência é a capacidade de um indivíduo, uma família ou um grupo social de se recuperar e se reconstruir de adversidades, violências, enfrentando-as, sendo transformado por elas e superando-as.

além de conhecer a subjetividade, os avanços, as frustrações, alegrias e as possibilidades de mudança. Com isso, os adolescentes e jovens puderam colocar em palavras, interpretar e teorizar sobre a sua vivência, através da experiência como “escritores da realidade”, fazendo observações e entrevistas.

A estratégia de mudança se iniciou após coleta e análise dos resultados das pesquisas qualitativas e quantitativas e da elaboração de um **Plano de Ação** geral contendo as principais demandas diagnosticadas. O Plano de Ação foi discutido com os estudantes e professores participantes do Programa em cada escola e reelaborado por estes sujeitos, identificando as demandas específicas e iniciativas a serem desenvolvidas para melhorar a convivência escolar. Este instrumento auxiliou a equipe da Flacso Brasil no planejamento, acompanhamento e avaliação das

Ferramenta de gestão utilizada para fazer um planejamento de trabalho necessário para a concretização de objetivos, alcance de um resultado desejado ou resolução de problemas. Link: <http://materiais.treasy.com.br/typ-planejamento-estrategico-e-orcamento-sem-complicacoes-treasy-desk14>

várias ações realizadas no decorrer da implantação e implementação do mesmo.

A efetiva participação dos jovens se deu através: 1) da sua iniciação científica onde tornaram-se pesquisadores da sua própria realidade a partir de um Diagnóstico Participativo<sup>1</sup>; 2) da elaboração e implantação de um plano de ação<sup>2</sup> na escola para melhoria do clima escolar e redução das várias violências identificadas; 3) da produção de conteúdos críticos de informação e comunicação através das oficinas de **educomunicação**.

A execução deste trabalho através do plano de ação elaborado pelos estudantes contou com estratégias que possibilitou a criação de

1 Guia do Diagnóstico Participativo, Flacso-Brasil. Disponível em: <[www.flacso.org.br/files/2015/08/Guia-do-Diagnostico-Participativo.pdf](http://www.flacso.org.br/files/2015/08/Guia-do-Diagnostico-Participativo.pdf)>. Acesso em: 3 mar. 2018.

2 A implementação e desenvolvimento do Plano de Ação ficaram sob a supervisão dos professores mediadores de cada uma das escolas.

Educomunicação ou Educom é um campo teórico-prático que propõe uma intervenção a partir de algumas linhas básicas como: educação para a mídia; uso das mídias na educação; produção de conteúdos educativos; produção colaborativa de conteúdos utilizando diversas linguagens e instrumentos de expressão; arte e comunicação. Como o próprio nome sugere, é o encontro da educação com a comunicação, multimídia, colaborativa e interdisciplinar. Exemplos de educomunicação são o uso de fotografias, produção de notícias para veiculação em mídias livres, vídeos, fanzines, jornal mural rádio escola, *blogs*, *videogames*, *softwares* de aprendizagem *online* etc., ampliando o acesso à cultura e à informação de maneira crítica e autônoma.

relações sociais mais positivas, prazerosas, prevenindo e até mesmo mitigando situações geradoras de violência e, assim, favorecendo a melhoria do clima escolar, a saber:

- estudantes que passaram a dialogar e se posicionar melhor junto à direção;
- conseguiram desenvolver projetos na escola onde propuseram mudanças e as executaram como limpeza nas áreas comuns da escola, grafite no muro interno, abaixo-assinado para cobrar de órgãos competentes iluminação nos arredores da escola, consulta aos estudantes sobre o uso do uniforme ou crachá para segurança, ajuda na distribuição da merenda, entre outros;
- maior possibilidade de diálogo intergeracional;
- passaram a ser referência positiva na escola;
- tiveram um melhor relacionamento entre seus pares e com seus professores, além dos ganhos pessoais como superação da timidez; maior autoestima; crescimento pessoal; mais autonomia; visão diferenciada sobre a escola; o sentimento de importância do ambiente escolar e de pertença à instituição.

A seguir uma visão geral de como se deu o desenvolvimento do Programa nas escolas.

## PASSO A PASSO DO DESENVOLVIMENTO DO PROGRAMA PELA EQUIPE FLACSO BRASIL

1. Seminário de apresentação do Programa e equipe.
2. Pesquisa de vitimização na escola e sobre o entorno (probabilística-*survey-ex-ante*) realizado nas 50 escolas (25 em Fortaleza e 25 em Porto Alegre).
3. Grupos focais com alunos, professores, gestão e pais/responsáveis realizado em 10 escolas (5 em Fortaleza e 5 em Porto Alegre).
4. Seminário de devolução dos resultados para as escolas e o conjunto delas para as Secretarias, distribuição de materiais e instrumentos para as escolas do Programa.
5. Formação de professores e estudantes com temas sobre: “Juventudes no Brasil **hoje**”; “Violências nas **escolas**”; “Diagnóstico **Participativo**”. Apresentação da proposta de educomunicação.

<http://flacso.org.br/files/2015/08/Ser-Jovem-Hoje-no-Brasil.pdf>

<http://flacso.org.br/?publication=violencias-nas-escolas-programa-de-prevencao-a-violencia-nas-escolas>

<http://flacso.org.br/?publication=programa-de-prevencao-a-violencia-nas-escolas-documentos-de-referencia>



**6.** Elaboração do Plano de Ação em cada uma das 10 escolas (5 em Fortaleza e 5 em Porto Alegre).

**7.** Acompanhamento e avaliação do trabalho de campo através do Plano de Ação de cada escola - intervenções realizadas pelos estudantes sob orientação dos professores para melhoria do clima escolar e diminuição das violências.

**7.1** Diagnóstico e Planejamento Participativo: observações e entrevistas com a comunidade escolar e seu entorno.

**7.2** Educomunicação: oficinas que utilizam os meios de comunicação e as novas tecnologias para se discutir comunicação crítica e comprometida com os direitos humanos.

**8.** Encontro de integração entre as escolas socialização das atividades realizadas e troca de experiências.

**9.** Aplicação dos relatórios Marco Zero, Processual, monitoramento e Relatório final.

**10.** Avaliação de impacto através da pesquisa de vitimização na escola e sobre o entorno (probabilística-*survey-ex-post*) e realização de grupos focais.

**11.** Seminário de devolução dos resultados finais para as escolas e para a Secretaria.

## RESULTADOS DAS PESQUISAS QUALITATIVAS E QUANTITATIVAS (LINHA DE BASE 2016 E LINHA FINAL 2

Muitos dos problemas apontados pelos estudantes são semelhantes nos Estados pesquisados: os jovens afirmam que sentem falta de serem ouvidos e de dialogarem com os adultos, que deveriam considerá-los como atores fundamentais no processo ensino-aprendizagem. Apontam ainda a dificuldade de viver em uma sociedade violenta e conservadora e discriminatória em relação a questões de gênero, orientação sexual, raça/cor etc.

Chamou a atenção o

sentimento de infelicidade de muitos jovens, levando-os à automutilação e tentativas de suicídio em uma sociedade que não os escuta diante da dificuldade no enfrentamento dos seus problemas do cotidiano. Sobre seu futuro, muitos querem fazer uma faculdade, ter uma profissão e alguns refletem sobre a situação do Brasil e a vontade de estudar e de trabalhar em outro país.

Sentiram-se discriminados pelo lugar onde moram e quando realizaram entrevistas de emprego experienciaram a exclusão social por serem pobres e morarem em áreas periféricas. No entanto, houve também depoimentos sobre alegria, diversão, amizades, crença no futuro, mostran-

do-se resilientes, dando continuidade a sua vida e a sua escolaridade.

Apontaram que nas escolas há fatores de risco relacionados à discriminação, discriminação de gênero, vários tipos de violência, homofobia, racismo, ameaças, agressões verbais e físicas, furtos e roubos, *cyberbullying*, entre outros, relatando ainda que a escola não discute estes temas.

A relação com os professores apesar de serem figuras centrais em suas vidas, nem sempre é positiva. Há agressividade por parte dos alunos para com alguns professores e dos professores com os alunos que se sentem humilha-

dos e desestimulados. Há também críticas quanto à falta de professores para determinadas disciplinas. E aulas que são consideradas repetitivas e aborrecidas. Queixam-se de questões relacionadas à merenda, à infraestrutura precária, assim como de depredações e vandalismo. As regras são indicadas como rígidas e sem sentido, e alguns alunos têm dificuldade de conciliar estudo e trabalho.

Vale também evidenciar os fatores de proteção, como por exemplo, a relação com os professores considerados amigos, que conversam e que ensinam bem; o ensino que é visto por alguns como de boa qualidade; a importância de relações positivas com os

seus pares.

Algumas famílias foram apontadas como preconceituosas e por manterem uma relação difícil, de brigas e agressões com os seus filhos, havendo relatos de violência doméstica. O alcoolismo é citado, assim como, em alguns casos, o uso de drogas ilícitas no ambiente doméstico.

Nos arredores foram relatados assaltos, roubos de celulares, mortes, estupros e assédios, tráfico de drogas, rivalidade entre facções, trocas de tiros entre polícia e traficantes e problemas de mobilidade entre os moradores de localidades diferentes por brigas entre facções. A polícia é percebida como agressiva e abusiva

Apontaram também a falta de projetos sociais, de cultura e de lazer, embora em algumas comunidades existam praças, festas, igrejas que servem como proteção diante das violências existentes.

Esses dados obtidos nos levaram a eleger três temas que podem melhor embasar o desenvolvimento de um projeto de convivência e diminuição das violências nas escolas. Dado que se trata de uma proposta inovadora, com



estudantes adolescentes e jovens, nada mais pertinente do que trabalhar temas sobre gestão democrática, juventude e participação, violências e convivência escolar.

## GESTÃO DEMOCRÁTICA

Uma gestão que conta com a participação de todos os envolvidos com a prática educativa provoca uma mudança positiva na educação, capaz de superar o tradicional modelo centralizador existente. A democratização na escola inicia-se com a criação de espaços de discussão coletiva sobre o dia a dia, nos quais docentes, administrativos, estudantes e pais/responsáveis possam ser ouvidos. Entretanto, a democratização da gestão educacional requer primordialmente

o entendimento da função política e social da escola e da sua importância no processo de transformação da sociedade, à medida que ela se responsabiliza pela tarefa de formar o cidadão para o domínio de saberes e instrumentos políticos e culturais.

A gestão democrática deve ter uma relação direta com o Projeto Político Pedagógico (PPP), o qual deve expressar a cultura da escola assim como contribuir para transformá-la<sup>3</sup>. O PPP norteará o trabalho pedagógico em todas as dimensões para que ele seja um plano global da instituição e aponte caminhos para a construção de sua identidade.

As práticas do cotidiano escolar voltadas para o surgimento, crescimento e consolidação de um projeto democrático, que fomente o diálogo dos educadores e educandos, favoreça a interlocução entre saberes acadêmicos e saberes populares, de vivências, saberes juvenis tecendo redes de falas e de registros, ações e intervenções, podem possibilitar novos movimentos de participação

3 Segundo Veiga (1995), a possibilidade de construção do PPP [...] passa pela autonomia da escola de sua capacidade de delinear sua própria identidade. Isto significa resgatar a escola como espaço público, lugar de debate, de diálogo, fundado na reflexão coletiva.

Na elaboração da proposta pedagógica, a escola deve reunir seu grupo de trabalho (representantes dos segmentos administrativos e docentes) e fazer algumas indagações que facilitarão a elaboração do documento:

- Qual é o perfil da gestão que praticamos?
  - Como revitalizar o papel da escola enquanto local de trabalho dinâmico que desenvolve a prática pedagógica voltada para o aprender, para a socialização e para uma melhor educação?
- Qual tipo de avaliação praticamos? E que outro tipo de avaliação podemos praticar?
  - Quais canais de articulação com a família?
  - Como se dão as relações sociais direção-professor, professor-aluno, aluno-aluno etc.?
- Discutir e avaliar a prática pedagógica sob a ótica de qualidade e pluralismo de ideias.
- Identificar as características que representam uma boa escola e o que consideramos que deve ser mudado?

ativa e cidadã.

Uma das alternativas capazes de colaborar para a qualidade da educação não é somente técnica, passa também pelo engajamento e sintonia da escola com ela mesma e com seus usuários com programas de capacitação - práticos e teóricos - de professores, dirigentes escolares e estudantes. Isso acontece quando a escola cria vínculos com a comunidade, dando sentido a proposta pedagógica envolvendo os diferentes indivíduos em uma só missão.

Na escola existem duas instâncias de ação pedagógica que estão interligadas embora diferentes. Uma diz respeito ao trabalho didático-pedagógico, o

qual envolve diretamente o aluno no processo ensino-aprendizagem planejado e efetivado pelo professor. A outra se refere ao trabalho pedagógico dos que administram toda a estrutura física, material e humana da escola; procuram garantir a sintonia entre as determinações do Estado (mantenedor) e o trabalho da/na escola; buscam a unidade interna no trabalho dos vários professores que atuam em turmas, anos e disciplinas diferentes; auxiliam os professores no tratamento das demandas advindas dos alunos e suas famílias.

No âmbito da gestão escolar democrática, a atuação do gestor é fundamental para a criação de um ambiente propício ao

conhecimento e aprendizagem, participação colaborativa, reflexão e mobilização de ações que resultem diretamente no tipo de cidadão que a escola quer formar. Nessa perspectiva, o papel do gestor não se restringe à função meramente burocrática, faz-se necessário estabelecer um relacionamento entre meios e fins para superação de problemas educacionais e administrativos. Organizar-se no âmbito de gestão pedagógica e administrativa na escola pública é um desafio tanto para o gestor, quanto para a equipe pedagógica, professores, agentes educacionais, pais e alunos, pois são todos interlocutores sociais da organização escolar, responsáveis pelas ações que possam de

fato consolidar uma prática democrática.

A prática pedagógica, por sua vez, requer ação planejada do professor. No dia a dia da sala de aula, a escola realiza seu maior objetivo: fazer com que os alunos aprendam e adquiram o desejo de aprender cada vez mais e com autonomia. Para atingir esse objetivo, é preciso focar a prática pedagógica na relação professor-aluno, o que significa observar os estudantes de perto, conhecê-los, compreender suas diferenças, demonstrar interesse por eles, conhecer suas dificuldades e incentivar suas potencialidades.

Vale ressaltar que o mundo contemporâ-



neo é repleto de informação, o que reforça a necessidade de que o Plano de Trabalho do professor inclua o conhecimento sobre o que os estudantes já sabem e o que precisam saber. A adoção de um novo paradigma da gestão escolar estratégica, centrada na competência em administrar o novo, a mudança, o imprevisto. Administrar é inovação resultante do esforço diário, do qual todos devem participar, a partir e através da governança educacional.

Para reflexão/atividade

O Regimento Escolar deve estar pautado em princípios democráticos, com a participação de um colegiado como, por exemplo, Conselho Escolar, Associação de Pais, Mestres e Funcionários (APMF), Grêmios Estudantil e Conselho de Classe, dentre outros, além da gestão, equipe pedagógica, docente, técnico administrativo e auxiliar operacional. São todos coparticipes.

- Sua escola tem algum desses grupos?
- Como cada grupo contribui para a escola?

A escola é concebida como uma organização social que, como tal, tem um funcionamento específico, desenvolve um sistema particular de relações entre os atores, define seu próprio conjunto de regras, normas, avaliações e expectativas. Um tipo de gestão onde estudantes e professores são ouvidos, aceitos e respeitados, diretores dedicados a abrir espaço para tal participação e refletindo sobre melhores alternativas para

solução de problemas, já é considerada um dos indicadores de uma escola eficaz (JOHNSON et al., 2000).

O clima acadêmico segundo Pedrosa (2007) com ênfase no ensino e na aprendizagem está relacionado a práticas escolares que, por sua vez, abrange: a) colaboração docente com formação/qualificação e sua liderança acadêmica e administrativa; b) uso do tempo elaborando planejamento e estruturação do que será lecionado nas aulas; cumprimento do programa de ensino; c) expectativa do professor em relação aos alunos revendo a estrutura de avaliação e de monitoramento do desempenho dos alunos; empenho e motivação para o processo de ensino-

aprendizagem; d) recursos didáticos.

### **Como praticar a gestão democrática na escola?**

1. Reconhecendo as referências legais que respaldam a participação dos atores da comunidade escolar nas decisões tomadas tanto no âmbito das suas escolas, quanto no da própria vida em **sociedade**.

- A Constituição Brasileira de 1988 propiciou o surgimento de diversas leis que fomentam e/ou criam condições para que adolescentes e jovens possam participar de forma mais ativa, tanto das decisões tomadas no âmbito das suas escolas, quanto da própria vida em sociedade. Inovou ao incluir, entre seus princípios, a “gestão democrática do ensino público” tão importante para a “garantia do padrão de qualidade” quanto à “valorização dos profissionais

da educação”, a “gratuidade” e o “pluralismo de ideias e concepções pedagógicas” (CF/88, art. 206, incisos VII, V, IV e III).

- Lei de Diretrizes e Bases da Educação - LDB nº 9394/96. Direitos educativos são garantidos e ainda comporta o dispositivo legal Plano Nacional de Educação (PNE).  
- 2º PNE (2014) configura-se uma norma supraordenadora e preconiza como diretriz, a promoção do princípio da gestão democrática da educação pública.

2. Discutindo a realidade para definição dos objetivos e metas que devem compor o planejamento escolar através da participação da direção, corpo docente, funcionários, alunos, pais/responsáveis nas decisões, buscando soluções e alternativas para o melhor funcionamento da escola.

## Links:

[www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicaocompilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm)

**Lei de Diretrizes e Bases da Educação**

LDB nº 9394/96

[portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf](http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf)

[pne.mec.gov.br](http://pne.mec.gov.br)



O **Conselho Escolar** (Lei 9.394/96) é formado pela representação de todos os segmentos que compõem a comunidade escolar (alunos, professores, pais ou responsáveis, funcionários, professores e corpo diretivo) sendo uma maneira de acompanhar e auxiliar o trabalho dos gestores escolares.

Conselho escolar: o que é, conceitos e como aplicar. Disponível em: <<https://canaldoensino.com.br/blog/conselho-escolar-o-que-e-conceitos-e-como-aplicar>>. Acesso em: 02 mar. 2018.

• Material Didático do Programa Nacional de Fortalecimento dos Conselhos Escolares do Ministério da Educação (MEC). Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/programa-nacional-de-fortalecimento-dos-conselhos-escolares/publicacoes>>. Acesso em: 03 mar. 2018.

## JUVENTUDE E PARTICIPAÇÃO

As **juventudes** de hoje não são iguais as de gerações passadas já que vivem em outra fase e em outros contextos. As mudanças tecnológicas, especialmente o *boom* da internet, representam fator significativo para a transformação dos meios e espaços de relacionamento.

Para Abramovay e Gil Esteves (2007), “a realidade social demonstra, no entanto, que não existe somente um tipo de juventude, mas grupos juvenis”. Diante disso, optamos por utilizar o termo no plural agregando assim a diversidade juvenil existente.

As maneiras de aprender e ensinar, assim como modificaram as formas de engajamento e práticas políticas das juventudes em uma participação híbrida entre o *online* (redes) e o *off-line* (ruas), estabelece formas de comunicação e participação de grande originalidade e em uma nova escala.

Os espaços participativos e sua experimentação são por natureza educativos e formativos. Logo, uma experiência importante na vida dos jovens por permitir a vivência nos processos de ação coletiva, aprendizado da alteridade e de posicionamento frente às questões voltadas para mudanças, uma vez que essa dimensão educativa e formativa da participação pode propi-

ciar o desenvolvimento de habilidades discursivas, de convivência, de respeito às diferenças, de liderança etc.

Os jovens tendem a se afastar de práticas que não refletem as suas vivências, desconsiderando as burocracias convencionais de instituições, criando um ritmo particular, dinâmica e organização própria, o que pode explicar o distanciamento dos estudantes no exercício participativo na medida em que existe uma lógica da escola e uma lógica da juventude. A existência dessas duas lógicas, onde a escola possui estrutura rígida dos tempos, funcionamento tradicional hierárquico e a centralização do poder no adulto (DAYRELL, 2007) faz com que a institui-

ção escolar se distancie dos seus princípios de formação social e se mantenha em um diálogo distante com seus alunos.

A escola ao impor seu ritmo e seus padrões, não leva em conta a diversidade de referências culturais e as múltiplas identidades inerentes às juventudes e até contradições existentes enxergando-os somente como alunos. Tende a uma visão reducionista da juventude. Desconsidera, portanto, a cultura juvenil, cuja característica é dinâmica e diversa.

Esse descompasso entre cultura escolar e cultura juvenil se baseia em uma violência de cunho institucional fundamentada

na inadequação de diversos aspectos que constituem o cotidiano da escola, entre eles a organização da escola, o planejamento, o espaço, o sistema de normas e regras; as formas de convivência, em relação às características, expectativas e demandas dos alunos, o que gera uma tensão no relacionamento entre os atores sociais que convivem no ambiente escolar.

Ressignificar a educação brasileira implica em considerar a participação juvenil como uma das forças motrizes da educação. É preciso que os adultos da escola busquem compreender o que é ser jovem hoje, adotem novas formas de escuta, inclusive para contemplar os estudantes

menos participativos ou com dificuldade de comunicação e expressão, que também têm o que dizer. Participação não é sinônimo do que é considerado o “bom aluno” - aqueles com boas notas, dedicados, disciplinados, e com “liderança positiva”. Há que se conhecer e reconhecer também o contexto individual, as competências e habilidades do chamado “mau aluno” para saber lidar e extrair suas potencialidades e educar para a vida a partir da realidade de uma juventude diversa, plural e “transgressora” por natureza.

O processo, no entanto, exige que gestores e demais educadores reconheçam os estudantes igualmente como deten-

tores de conhecimentos e aproveitem esses saberes em favor da atualização das práticas pedagógicas. Implica também em abrir espaço para que os alunos sejam ouvidos e envolvidos na construção de soluções para os problemas que comprometem a qualidade do sistema educacional.

É fato as condições adversas da docência, o desmonte/sucateamento de algumas escolas, os problemas relacionados à aprendizagem, repetência e evasão escolar, e a expectativa de que a escola possa contribuir para que seus alunos ampliem seu capital social e cultural. Mas, para Carrano (2017), a escola deve se interessar em conhecer a trajetória extraescolar de seus

alunos e escutá-los de forma atenta - escuta ativa -, enxergando-os como sujeito cultural completo, pois esta instituição continua sendo o principal espaço de perspectiva para a mobilidade social e a socialização dos jovens. É importante considerar também que ela não é exclusiva na educação desses, já que as formas do saber estão nos mais variados espaços de convívio social que possibilitam formação de uma identidade multifacetada (MELUCCI, 2001, 2004).

A participação é geradora de sentimento de pertencimento e motivação, oportunizando melhoria nas relações sociais na escola e contribuindo para o surgimento de habilida-

des e potenciais provocadores, assim como inovações e elaboração do conhecimento que resultam positivamente no próprio desenvolvimento dos estudantes.

A escola deveria estar atenta às formas pelas quais os jovens vêm imprimindo a sua participação no mundo de hoje - movimentos secundaristas de ocupação, movimentos de rua à mobilização e exposição na internet. As juventudes desejam novas formas de organização e discussão, buscam construções mais horizontais de políticas e pautas. Um melhor aproveitamento pela avidez, vontade de inovação e participação, compreendendo e valorizando as diferenças significativas de classe, raça/cor, orientação



sexual, locais de moradia e outras experiências diversas.

É neste cenário que cresce o contingente dos grupos juvenis e coletivos advindos da cultura, da comunicação, das artes em geral, dos vários movimentos. Em todas essas manifestações, a bandeira que parece ser comum é a defesa do direito à participação. A falta de equipamentos e espaços para a produção artística nas escolas e em suas comunidades tem levado a um tipo de “transgressão” modulado a partir da realização de saraus<sup>4</sup> ,

4 Mapeamento de saraus da região metropolitana do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://mufaproducoes.com/mapeamento-de-saraus-rj/>>. Acesso em: 20 mar. 2018.

Mapa dos saraus de São Paulo: a literatura espalhada pela cidade.

*slam* de poesias<sup>5</sup> , coletivos de mídia livre<sup>6</sup> ou de midiativismo<sup>7</sup> , grupos de classe<sup>8</sup> , entre outros.

---

Disponível em: <<https://catracalivre.com.br/mapa/mapa-dos-saraus-de-sp/>>. Acesso em: 20 mar. 2018.

5 Slam das minas SP. Disponível em: <<https://pt-br.facebook.com/SlamdasMinasSP/>>. Acesso em: 20 mar. 2018.

Slam Laje Complexo do Alemão. Disponível em: <<https://www.facebook.com/batalhadepoesia/>>. Acesso em: 20 mar. 2018.

6 Coletivo Voz da Baixada organizado por jovens moradores da Baixada Fluminense/RJ. Disponível em: <[www.vozdabaixada.com.br](http://www.vozdabaixada.com.br)> , <<https://www.facebook.com/vozdabaixada/>>. Acesso em: 20 mar. 2018. Jornalistas livres. Disponível em: <<https://jornalistaslivres.org/>>. Acesso em: 21 mar. 2018.

7 Coletivo Papo Reto de comunicação independente. Disponível em: <<https://www.facebook.com/ColetivoPapoReto/>>. Acesso em: 20 mar. 2018.

8 Blogueiras negras. Disponível em: <<http://blogueirasnegras.org/>>. Acesso em: 21 mar. 2018.

Tambores de Safo: grupo de mulheres lésbicas e bissexuais para o empoderamento e pensamento crítico através da música e da cultura.

Assistimos nas últimas décadas, tanto nos centros urbanos quanto nas periferias, a crescente onda de políticas coletivas. Os jovens perceberam que a atuação no campo da cultura pode diminuir as violências sofridas em suas vidas e em seus territórios. A cultura passa a ser uma ferramenta de articulação, organização e inserção social, vinculada a um projeto coletivo para uma sociedade mais justa e solidária.

Mesmo diante deste cenário de novos rearranjos das juventudes nas redes e nas ruas, a instituição escolar se mostra distante, ainda que o movimento de ocupação das escolas direcionasse o caminho: inclusão de novos temas no currículo

como racismo, homofobia, entre outros; discussão de normas e regras de forma horizontal; reivindicações por melhor infraestrutura aos governos; mobilização de melhorias possíveis, como limpeza dos espaços comuns, pintura etc.; além da participação efetiva dos estudantes na escola. A inquietude natural e própria do ser jovem é o que move a sua participação.

## Saiba mais:

A discussão sobre a participação de adolescentes e jovens é amparada por leis contidas no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)\* e no Estatuto da Juventude\*\*:



[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm)



<http://www.juventude.gov.br/estatuto>



O Grêmios Estudantil (Lei nº 7.398/85), por sua vez, é um recurso que também garante a participação dos jovens na escola, assim como o Conselho Escolar (Lei nº 9.394/96) através do qual os estudantes podem acompanhar e auxiliar o trabalho dos gestores escolares.

\* ECA. Lei nº 8069/90, art. 16.

\*\* Estatuto da Juventude. Lei nº 12.852/2013, art. 4.

# VIOLÊNCIA E CONVIVÊNCIA ESCOLAR

A convivência e a violência nas escolas são fenômenos múltiplos, multifacetados e há que considerar a localização da escola e as situações de violência das comunidades do entorno. Entretanto, o processo de convivência depende principalmente de fatores internos. Neste sentido, qualquer tipo de trabalho sobre o tema tem que ser realizado de forma aberta e não determinista.

É importante afinar o conceito de **violência escolar** mostrando que não é somente a violência dura - aquela que está no código penal, nem mesmo a violência física senão a violência do cotidiano, aquela que acontece entre alunos, adultos da escola, famílias etc., que rompe o diálogo e a capacidade de nego-

Link do livro "Conversando sobre violência e convivência...": <http://www.flacso.org.br/?publication=conversando-sobre-violencia-e-convivencia-nas-escolas>

ciação. São as pequenas violências do dia a dia, as chamadas microviolências, principalmente, que prejudicam o ensino, aprendizagem e o clima escolar, impossibilitando o uso do diálogo e da comunicação não violenta. São exemplos: gestos e atos físicos (agressões, roubos), atos verbais (ameaças, insultos, humilhações), atos de comunicação não verbal (olhares, silêncios, zombarias ou isolamento do grupo), situações conflituosas e sociais (racismo, homofobia, desigualdade social, de gênero etc.) ou relacionais (conflitos nas relações face a face) e ainda, tensões, isto é, forças contrárias que prolongam uma situação até os limites além dos quais uma cisão

se produz e a tensão cede lugar ao enfrentamento (CHARLOT, 2007).

Destaca-se também a violência institucional, ou seja, quando a própria escola produz e reproduz as suas próprias violências como, por exemplo, as regras não consensuadas, com dúvida interpretação e não válidas para todos, tratamentos diferenciados para os alunos, distintas formas de punição, dentre outras.

A literatura tende a não considerar conflito como sinônimo de violência (CASTRO; ABRAMOVAY, 2002). Os conflitos de visões de mundo, de interesses etc. são inerentes e necessários às relações sociais e são

exatamente as controvérsias as responsáveis pela possibilidade de modificação das organizações.

Um recente Informe da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), de 2017, sobre violência na escola recomenda a participação efetiva de crianças, adolescentes e jovens, na execução de intervenções para tornar a escola mais segura. Há recomendações quanto a tipos de intervenções que possam transformar a cultura das instituições, com uma firme posição contra a violência, incitando os professores a utilizarem métodos alternativos de disciplina e gestão. As experiências refletem como interven-

ções que visam impedir a violência nas escolas e a tornarem estes estabelecimentos mais seguros, são mais eficazes quando os estudantes participam do planejamento e execução. A participação dos estudantes permite promover de forma mais eficaz mensagens que demonstrem que qualquer forma de violência é inaceitável (CASTRO; ABRAMOVAY, 2002, p. 45).

O clima escolar é reflexo do que a escola é, do que ela tem na sua “essência”, tanto em relação ao trabalho desenvolvido, quanto à natureza das relações sociais estabelecidas entre estudantes, professores, funcionários, direção e famílias. As relações sociais na escola se constituem em

um dos indicadores utilizados para medir e qualificar o clima escolar, o qual pode ser definido como “a qualidade do meio interno de uma organização” (FONTES, s.d. *apud*. ABRAMOVAY, 2012, p. 19).

Garcia e Delgado (2009) mostram que os problemas de convivência podem ser minimizados a partir de uma mudança no clima escolar, com maior controle da disciplina, uma melhor comunicação entre professores e alunos, diminuição do absentismo e uma melhora no estresse dos professores. O clima escolar incorpora também valores, normas, crenças e atitudes de uma instituição. Tem relação com a compreensão das regras e com a percep-

ção de justiça e injustiça das mesmas.

Partimos do pressuposto que o clima escolar e a convivência são fatores determinantes para que todos os atores sociais tenham sensação de segurança e de prazer no ensinar e no aprender, para que as partes envolvidas se sintam representadas, ouvidas e participantes do ambiente no qual elas convivem. Para tal, a escola deve funcionar de maneira democrática e que todos se sintam integrados, seguros e pertencentes à instituição.

A questão da segurança na escola deve incorporar, sobretudo, medidas preventivas, a partir do conhecimento sobre como

se dão as violências nelas existentes para poder lidar com as mesmas. A escola pode trabalhar com algumas questões relacionadas a exclusões de ordem econômica e social, assim como estimular os jovens para que aprendam a resolver seus conflitos de maneira não violenta. Medidas repressivas, porém dificilmente solucionarão os problemas e questões das violências nas escolasz.

Para Aguado (s.d.) qualquer tipo de programa que trabalhe com a prevenção à violência depende em grande parte da qualidade das relações sociais entre aluno-aluno, aluno-professor, professor-professor, professor-direção, na medida em que, quando

estas são adequadas representam uma fonte importante de apoio e motivação para a aprendizagem com profissionais que saibam ensinar, que estimulem a imaginação e a possibilidade de desenvolver um pensamento crítico e criativo que sirva para o presente e o futuro.

Vários autores trabalham a relação entre clima escolar, violência e aprendizagem e concluem que um bom clima aumenta os resultados escolares e a capacidade de aprender dos alunos, independente dos fatores socioeconômicos existentes.

Para a discussão do tema violência escolar e propostas de uma melhor



convivência é importante ver os jovens como atores centrais e não como fonte de problemas, mas de respostas.

Portanto, é no cotidiano que as escolas devem procurar enfrentar a violência a que estão sujeitas, buscando mudar para melhor. Os caminhos dessa busca são múltiplos e plurais, contendo grande riqueza de potencialidades, mas também muitas limitações. É conhecendo-os e compartilhando-os que se pode a partir deles, pensar alternativas para amplificar o esforço, na direção de um projeto de convivência que, efetivamente, provoque transformações, por seu potencial estratégico para tecer relações melhores na

comunidade escolar.

São muitos os problemas encontrados, entre eles, a vida escolar é considerada monótona e sem graça por vários estudantes, como também critica-se a forma tradicional de ensino centrada no professor em que os alunos não são “donos da palavra”. Pesquisa realizada em 2015 (ABRAMOVAY et al.) mostra o desconforto e a insatisfação sentida tanto nas relações pessoais como na forma de dar aula dos professores. Para os estudantes um bom professor deveria combinar as dimensões saber e fazer, e dentre os professores, muitos conseguem associar conhecimento com sensibilidade e civilidade para com os modos de ser jovem, respei-

tando de alguma forma traços da chamada cultura juvenil, que pode, em alguns momentos, parecer “desestabilizadora” de determinadas normas, mas que é crítica e reformuladora de padrões.

Na escola, o jovem, muitas vezes, é considerado somente como aluno e se perde de vista a diversidade, os parâmetros que fazem parte das modelagens das juventudes, afastando-os da cultura escolar e dessa forma se torna em si mesma fonte de discriminação, reproduzindo preconceitos, valores discriminatórios e pouco flexíveis. De fato, a cultura escolar é hierárquica e pouco sensível quanto às formas de ser, agir, falar e se comportar

dos jovens, o que induz a um clima escolar negativo e relações sociais complicadas. O desânimo dos professores é outro fator que há que ser levado em conta, na medida em que seus alunos apresentam, muitas vezes, atitudes passivas e desinteressadas e indisciplina.

A importância das relações sociais é marcante nas escolas e estas são complexas, com muitas contradições e diferentes percepções entre jovens e adultos. Trabalhar as diferenças marcantes, sem negações pode contribuir para um melhor clima escolar e uma educação de melhor qualidade.

O ambiente escolar constrói dinâmicas de inte-

ração, mas também reproduz dinâmicas preexistentes. Dado que fenômenos como racismo e homofobia embora sejam de comum ocorrência são pouco ou nada discutidos pela e na escola.

O preconceito e a discriminação são fenômenos cotidianos nas escolas brasileiras. O preconceito está relacionado a uma crença preconcebida sobre indivíduos a partir de características específicas, enquanto a discriminação é uma forma de comportamento e tratamento diferenciado para pessoas dependendo de suas características, havendo ainda uma crença na inferioridade intrínseca de determinados indivíduos.

Vale destacar que na sociedade brasileira, em que pesem nossa origem multiétnica e nossas características socioculturais plurais, vigora ainda, uma valorização do padrão representado pelo homem branco, de classe média, heterossexual e católico, implicando a existência de comportamentos discriminatórios, baseados em critérios étnicos, de origem social, de gênero e sexualidade, entre outros.

Entende-se como racismo as barreiras que impedem a ascensão social de pessoas e grupos, devido à discriminação raça/cor, notadamente em relação à população negra, que podem gerar diversos tipos de violências, desde agressões verbais ou físicas até exclu-

são das atividades escolares e convívio social.

A discriminação racial afeta subjetividades, domesticando vontades, comprometendo auto-percepções e afetando as relações sociais na escola. Considerado muitas vezes “brincadeiras” ou “coisas de jovens”, o que é assumido pelos vitimados e provoca uma autodepreciação. É o caso de meninas negras que convivem com discriminações, muitas vezes sutis, na medida em que não se adequam aos padrões dominantes de beleza eurocêntrica, principalmente relacionados à questão do cabelo, e recebem apelidos, criando um sentimento de exclusão social por parte de alunos negros.

A homofobia é um tratamento discriminatório sofrido por jovens lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e *queers*. A prática de violências contra homossexuais é antiga, os insultos, xingamentos homofóbicos são encontrados constantemente nas escolas como forma de desprestigiar meninos e meninas que são ou que são considerados homossexuais, sejam por seus trejeitos, maneira de falar ou vestir. As violências verbais ou xingamentos reproduzem uma ordem na sociedade mostrando que há sujeitos de primeira e de segunda categoria, reforçando o sofrimento e comprometendo o futuro dos jovens.

Existe uma sexuali-

dade considerada “normal” e correta, legitimada por padrões culturais que condenam práticas não heterossexuais. O único espaço considerado legítimo da homossexualidade é o “armário” já que a desaprovação moral existente faz com que os homossexuais sejam relegados a uma espécie de vida clandestina. Quando pessoas se comportam de maneira esperada para o gênero oposto, considera-se que estão fazendo algo moralmente errado atribuindo aos próprios homossexuais a responsabilidade pelo seu sofrimento, o que trás consigo muitas formas de violência.

É importante que a escola seja um espaço seguro para todos os seus membros.

A violência em suas diversas modalidades, seja ela dura ou microviolência, tem um impacto direto na qualidade da educação. As relações sociais entre os atores, o clima escolar, as discriminações que acontecem no cotidiano, o racismo, a homofobia, a eclosão de graves conflitos e as incivildades de várias ordens, impedem que ela cumpra a sua função.

Não se pretendeu com o Programa “O papel da educação para jovens afetados pela violência e outros riscos no Ceará e no Rio Grande do Sul” esgotar o tema violências, mas trabalhar aquelas que mais se destacaram na elaboração dos planos de ação das escolas. O que se almejou

foi propiciar a participação real e efetiva dos estudantes na implementação de atividades voltadas para a melhoria do clima escolar e redução das violências, o que demandou reflexões e ações relativas a temas pertinentes. Foi evidenciada, sobremaneira, no decorrer do Programa, a importância da qualidade nas relações sociais entre os atores da escola para o alcance de tais objetivos.

O foco central foi e será transformar “as escolas de risco” em “escolas protetoras”, capazes de lidar com os conflitos e as violências, criando base para uma escola que tenha consciência da violência como fenômeno que se constrói socialmente e, portanto, é passível

de ser evitado e desconstruído. Uma escola, por fim, que tenha no diálogo o recurso primordial dos conflitos que ela deve gerir.

Diante dos resultados positivos vivenciados, espera-se que o Programa seja inspirador e tenha continuidade em cada escola na qual gestores, demais educadores e estudantes se mobilizem para a transformação de uma escola possível vislumbrando a ressignificação da educação brasileira.

# ATIVIDADES QUE PODEM COLABORAR PARA UM PROGRAMA DE CONVIVÊNCIA ESCOLAR

Apresentamos aqui algumas metodologias reflexivas e práticas que entendemos como importante para a elaboração de um projeto de convivência na sua escola. São atividades, dinâmicas e filmes para serem trabalhados ou adaptados em sala de aula com seus alunos.

A ideia é discutir sobre o tema das violências e convivência escolar de maneira criativa, prática, dinâmica e participativa. Faça você mesmo!

## 1. TÍTULO/TEMA DA ATIVIDADE

### “FATORES DE RISCO E FATORES DE PROTEÇÃO”

**Atividade: Parando para pensar resiliência e riscos**

**Objetivo:** identificar situações de riscos e de proteção vividas no cotidiano escolar; refletir sobre como evitar os riscos e se proteger deles.

**Material:** sala ampla e confortável, folhas de papel, canetas.

## 2. O QUE O ALUNO PODERÁ APRENDER COM ESTA AULA/ATIVIDADE?

A partir do debate de ideias sobre “Convivência e Violência Escolar”, os participantes desenvolverão a expressão e a reflexão; o senso crítico, inclusive sobre os seus comportamentos.

## 3. DURAÇÃO DAS ATIVIDADES

1 aula: 50 minutos.

## 4. ESTRATÉGIAS E RECURSOS

1. Ler e discutir as questões a seguir (4.1).

2. Relatar as percepções e experiências concretas sobre os temas vivenciados em suas escolas. Valorizar as diversas concepções presentes no grupo.



3. Cada grupo terá que escolher um relator responsável para redigir as opiniões, experiências e recomendações sobre os temas discutidos.

4. O relator terá 10 minutos para apresentar de forma sistemática e criativa as conclusões para o grupão, suscitando um debate.

## 4.1 Desenvolvimento

### Atividade em pequenos grupos:

a) utilizando as informações contidas no GUIA, principalmente no texto sobre “violências e convivência escolar” os participantes devem identificar situações de riscos e proteção;

b) a partir desse material, deverão trocar ideias sobre:

- quais são os riscos que estão presentes na escola?
- quais são os fatores de proteção que estão presentes na escola?
- e no entorno e no caminho de casa à escola?
- que riscos estão presentes na realidade pessoal dos estudantes?

- quais são os riscos/proteções existentes nas relações estudante x professor - e vice-versa?

- que riscos afetam o cotidiano da escola?

- que medidas podem ser tomadas de proteção na escola e no seu entorno?

c) Sugestões para reflexão coletiva:

- qual é o papel da escola enquanto agente de proteção para adolescentes e jovens?

- a escola protege seus alunos/alunas e cria processos de proteção e transformação social com/para eles?

## 4.2 Resultados esperados

- Entendimento sobre riscos e proteção no ambiente escolar.

- Aprendizagem para identificação de situações de risco de violência e de como evitá-la (prevenção e proteção).

### Avaliação

Solicitar que os alunos divididos em grupos respondam em uma folha as seguintes questões:

1) antes dessa atividade como você pensava a questão dos riscos e de proteção na escola?

2) e depois dessa atividade, mudou a sua visão sobre os riscos e proteção?

3) cite cinco palavras que mais lhe marcaram na atividade.

## 1. TÍTULO/TEMA DA ATIVIDADE

“VIOLÊNCIAS NO COTIDIANO ESCOLAR: O QUE FAZER?”

**Atividade:** Parando para pensar a violência

**Objetivo:** identificar situações de violências vividas no cotidiano escolar; refletir sobre como evitá-las e se proteger.

**Material:** sala ampla e confortável, folhas grandes de papel pardo, folhas de papel, canetas coloridas, tesouras e cola, computador com internet.

## 2. O QUE O ALUNO PODERÁ APRENDER COM

## ESTA AULA/ATIVIDADE?

A partir do debate sobre os temas, os participantes desenvolverão a expressão e a reflexão; senso crítico, inclusive sobre os seus comportamentos.

## 3. DURAÇÃO DAS ATIVIDADES

1 aula: 50 minutos.

## 4. ESTRATÉGIAS E RECURSOS

### 4.1 Desenvolvimento

#### Atividade em pequenos grupos

a) Utilizando as informações contidas nos textos do GUIA, os participantes devem levantar situações, além de pesquisar em jornais, revistas e/ou noticiários e, vídeos no *YouTube*.

b) Sugestões de vídeos:

*“Ninguém Nasce Racista - Criança Esperança”* (disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kaWUyiMSrV0>)

*“Reportagem sobre CYBERBULLYING - Fantástico”* (disponí-

vel em: <https://www.youtube.com/watch?v=P98FGysZVRA>)

“A violência na escola (convívio escolar)” (disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=J8C662Y0zBg>)

c) A partir desse material deverão trocar ideias sobre:

- o que gera situações de violências?
- é possível preveni-las?
- se sim, de que forma?
- como a violência na escola atinge alunos, professores, gestão e demais funcionários?

d) Sugestões para reflexão coletiva:

- quais as características e causas mais comuns de violências entre os meninos e entre as meninas?
- por que o racismo e a homofobia podem ser considerados violências?
- quais são os recursos existentes na escola para o atendimento das vítimas de violências?
- o que faz a escola para prevenir as situações de violência?

## 4.2. Resultados esperados

- Entendimento sobre as violências no ambiente escolar.

- Aprendizagem para identificação de situações de riscos e como evitá-las (prevenção e proteção).

### Avaliação

Solicitar que os alunos em grupos respondam em uma folha as seguintes questões:

- 1) antes das atividades como você via a questão da violência?

- 2) e depois dessas atividades, mudou a sua visão sobre a violência?

- 3) depois das atividades, o que você acha sobre a discriminação e o preconceito na escola?

- 4) cite cinco palavras que mais lhe marcaram nas aulas/atividades.

## 1. TÍTULO/TEMA DA ATIVIDADE

### “Violências nas escolas: cyberbullying, preconceitos e discriminações”

A ideia é preparar a turma para participar de um tribunal simulado de júri em que os alunos exercerão o papel de advogados de defesa e acusação, entre outros, com prévia preparação sobre o que se pretende com um júri, decolando dos temas cyberbullying, preconceito e discriminação nas escolas. O fundamental em um júri é que os advogados convençam os jurados dos seus pontos de vista e levem as testemunhas a lhes dar argumentos a favor desses. Cabe às testemunhas apresentar provas sobre o caso analisado e ao juiz julgar de forma imparcial quem estaria com a razão.

**AULA 1** - O professor apresenta para a turma os conceitos de violências nas escolas, preconceitos/discriminações, recorrendo aos textos apresentados no GUIA, entre outras pesquisas, dando exemplos de casos concretos que ocorrem na escola.

**AULA 2** - Discutir o tema brigas entre alunos, problematizando aquelas entre meninas.

### Descrição da dinâmica

1. Divide-se os participantes em grupos de cinco alunos.
2. Dividir os textos do GUIA para leitura e discussão.
3. Cada grupo apresenta seu tema.

**AULA 3** - Discutir as causas das brigas entre alunos.

### Descrição da dinâmica

1. Debater:

- quais as principais razões de brigas entre alunos e entre alunas?

- as brigas têm relação com os problemas que acontecem fora do ambiente escolar?

- as discussões que se dão pela internet (cyberbullying) tem relação com as brigas nas escolas?

**AULA 4** - Discutir sobre agressão contra professores.

### Descrição da dinâmica



1. Trabalhar em duplas a leitura da reportagem da Carta Educação “A violência indica que algo não vai bem em nossas escolas” (disponível em: <http://www.cartaeducacao.com.br/entrevistas/violencia-indica-que-algo-nao-vai-bem-em-nossas-escolas/>) e a partir daí deve-se discutir e refletir com a turma porque nas escolas existe um grande número de violências de alunos contra professores e de professores contra alunos.

2. Pensar em algumas recomendações para melhorar o clima escolar.

**AULA 5** - O professor estimula a reflexão sobre a ausência de intervenção da escola e dos professores quando há brigas, questionando os alunos sobre casos concretos.

### **Descrição da dinâmica**

1. Debate sobre o papel da escola na questão da convivência escolar e do papel dos professores, quando esses devem ou não intervir e quais medidas a escola deve adotar pensando em uma política de prevenção.

**AULA 6, 7 E 8** - O professor levanta os temas para

discussão: preconceitos, discriminações a partir do vídeo “Vivendo no armário: gays não assumidos (põe na roda)” (disponível em: [https://www.youtube.com/watch?time\\_continue=337&v=JfLFn345Cm0](https://www.youtube.com/watch?time_continue=337&v=JfLFn345Cm0)).

### Descrição da dinâmica

1. Os alunos devem realizar um diagnóstico de situações de preconceitos e discriminações na escola.

2. Dividir a turma em dois grupos: 1 - observação; 2 - entrevistas.

3. Alunos do grupo de observação: individualmente, os alunos saem por meia hora vão para outras salas de aula e/ou o recreio para observarem e depois escrevem como se dão as relações sociais entre alunos, alunos e professores (e vice-versa), como eles se tratam e são tratados, se existem grupos, entre outras coisas que chame a atenção, levando em consideração a existência de discriminações/preconceitos. Observação: utilizar caneta e um caderno de campo para anotações.

4. Alunos do grupo de entrevistas: em duplas, em que um pergunta e o outro anota, prestando atenção nos detalhes da situação deverão fazer entrevistas com atores da escola, alunos, professores, gestão e funcionários através da

elaboração de um roteiro prévio de perguntas, a exemplo do modelo abaixo:

- quais são os tipos de violências existentes na escola?
- quando há casos de violências o que faz a escola?
- quais são os casos de discriminação e preconceitos comuns na escola?
- quais são os casos de *cyberbullying* existentes na escola?

Observação: utilizar o gravador do celular para gravação do áudio. Transcrever a entrevista no computador da escola ou em um caderno.

5. No final da atividade, cada grupo em separado, o da observação e o da entrevista devem discutir seus achados. Um relator entre eles é escolhido para apresentar suas respectivas conclusões para a turma.

6. A turma se junta e cada grupo apresenta seus achados, levando ao debate.

**AULA 9, 10 E 11** - Atividade: Tribunal do júri simulado, considerando o papel do professor e da escola - a situação a

ser julgada - como é registrada no vídeo “Briga entre alunas na sala durante aula em Paulínia - O Professor Assiste e não faz nada” (disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NurZwoVPCuI&t=46s>).

### **Descrição da dinâmica**

**Objetivo:** debater o tema, levando os participantes a tomarem um posicionamento; exercitar a expressão e o raciocínio; amadurecer o senso crítico e desenvolver a capacidade de convencimento sobre suas posições (de defesa e de acusação).

**Participantes** (os alunos escolhem que papel quer exercer) os quais devem ser escolhidos antes de se iniciar o júri.

- **Juiz:** dirige e coordena as intervenções e o andamento do júri.

- **Jurados:** ouvirão todo o processo e no final das exposições, se reúnem e para o juiz declaram seu veredicto, sendo que no caso de condenação o juiz estabelece a pena ou indenização a se cumprir.

- **Grupo/Advogados de defesa:** defendem o “réu” (a escola, na figura do professor, ou seja, sua atitude durante a briga) e respondem às acusações feitas pelos promotores.

- **Promotores (grupo/advogados de acusação):** formula as acusações que devem acusar o “réu”, a fim de condená-lo e estabelece o pedido de pena tanto para a escola quanto para o professor.

- **Testemunhas (escolhidos pelos advogados de defesa e acusação):** falam a favor ou contra o réu, de acordo com o que tiver sido combinado com os advogados de defesa e acusação, pondo em evidência as contradições e enfatizando os argumentos fundamentais.

**Grupo 1 (defesa):** considera que brigar na escola, seja por preconceitos e discriminações, agressões verbais e físicas, entre outras violências, é normal, comum e faz parte do ser jovem.

**Grupo 2 (acusação):** considera que as brigas nas escolas deveriam ser evitadas e proibidas através de regras e normas, com aplicação de advertências e expulsões severas.

Júri simulado, como o nome diz, é a simulação de um tribunal judiciário, em que os participantes têm funções predeterminadas. Formam-se três grupos: dois grupos de debatedores - os advogados de defesa e de acusação (promotores) com mesmo número de pessoas - e uma equipe respon-

sável pelo veredicto (o júri popular com um número menor de componentes, entre três e seis alunos, de uma sala com 30, por exemplo).

O papel do professor é o de coordenar a prática, delimitando o tempo para cada grupo defender sua tese e atacar a tese defendida pelo grupo oponente, e ao final avaliar como se deu a realização dos participantes, em que medida foram convincentes em seus papéis.

O processo se inicia com o lançamento do tema proposto pelo professor, no caso o vídeo e enfatizando que quem está sendo julgado é a escola, na figura do professor e sua atitude. Os alunos se preparam previamente para os seus respectivos papéis e argumentos. Ao começar a atividade o juiz dá início a sessão do júri, explicando o tempo disponível para os advogados de defesa, para os promotores de acusação e para as testemunhas, esclarecendo que os advogados de defesa como de acusação terão o direito a uma réplica e uma tréplica.

O professor, como coordenador da atividade, também pode lançar perguntas que motivem o debate, mas deve evitar fornecer respostas ou apoiar alguma das posições.

Após serem ouvidas as testemunhas, e os advogados e os promotores terem apresentado suas réplicas e tréplicas, o juiz ordena que os advogados de cada lado, no máximo de 5

minutos façam suas considerações finais.

O júri popular se reúne, socializam seus apontamentos e decretam o veredicto, passando para o juiz que anuncia o resultado.

### Tarefas do professor coordenador

1. Apresentar o assunto e a questão a ser trabalhada.
2. Explicar o papel de cada membro do júri.

### Descrição da dinâmica

1. Dividem-se os participantes, ficando em números iguais os dois grupos - todos os participantes (exceto o juiz e os jurados) podem ser testemunhas.

2. Os promotores devem acusar o professor por não ter evitado e intervindo na briga entre as alunas, e considera a realidade concreta da escola. Define o que é violência e como é impossível uma escola sem brigas e agressões entre alunos, na medida em que ser jovem incorpora um *ethos* de violência, mas que cabe a escola prevenir e coibir tais atos.

3. Os advogados de defesa argumentam que pode existir uma escola onde o clima escolar seja trabalhado de tal forma

que não dê espaço a brigas e a agressões físicas entre alunos. Está implícito um sistema que respeita a liberdade individual, que promove a livre iniciativa e que desperta a criatividade em favor de todos e todas, mas considera que para tanto se precisa de outro clima na escola e mais respeito ao professor e participação dos pais. Ou seja, considera que no caso que retrata a briga a culpa não foi do professor, que também se sentiu acuado, amedrontado e que a escola como ela é hoje também não pode ser culpada.

4. As testemunhas devem colaborar nas discussões, havendo um revezamento entre as de acusação e as de defesa, sendo que os advogados podem interrogar a testemunha “adversária”.

5. Terminado o tempo das discussões e argumentações dos dois lados, os jurados devem decidir sobre a sentença. Cada jurado deve argumentar, justificando sua decisão.

## 2. O QUE O ALUNO PODERÁ APRENDER COM ESSAS AULAS/ATIVIDADES?

Debater os temas propostos sobre violências nas escolas, preconceitos e discriminações levará os participantes a terem um maior sentido crítico, a não banalizar os temas



citados acima; a refletir que a violência tem relação com a qualidade da educação; a repensar o seu papel como aluno na escola, e a fazer com que o professor repense o que é ser um educador no século XXI com orientação para os direitos humanos e para a educação inclusiva.

### 3. DURAÇÃO DAS ATIVIDADES

Cada aula levará o tempo de 50 minutos. No caso das aulas sobre “Preconceitos e discriminações” e o “Tribunal do júri” serão 3 aulas cada com duração de 50 minutos.

#### **Tribunal do júri**

- Socializar as ideias nos grupos: 10 minutos.
- Defesa da tese inicial: 10 minutos (5 minutos para cada grupo).
- Debate entre grupos: 20 minutos.
- Considerações finais: 10 minutos (5 minutos para cada grupo).
- Veredicto: 5 minutos.

## 4. ESTRATÉGIAS E RECURSOS

A sequência das aulas segue estruturada entre si e planejadas para trabalhar o conteúdo do GUIA, principalmente sobre **violências e convivência na escola**.

Deve-se trabalhar por aula, assim como proposto acima, para que os temas sejam bem entendidos.

## 5. PRIVILEGIAR ATIVIDADES QUE ENVOLVAM OS ALUNOS

As atividades propostas têm por objetivo o trabalho colaborativo, debates, trocas de informações, pesquisas de campo, reflexão, escrita, leitura e aprofundamento dos temas propostos.

## 6. SUGESTÕES PARA AVALIAÇÃO DA EFICÁCIA DA ATIVIDADE

Solicitar que os alunos em grupos de oito (8) respondam em uma folha as seguintes questões:

1) como as aulas mudaram a sua visão sobre a violência?

2) depois das atividades, o que você acha sobre a discriminação e preconceito na escola?

3) cite cinco palavras que mais te marcaram nas aulas.

## ATIVIDADES EDUCOMUNICATIVAS

### JORNAL MURAL

Instrumento de comunicação rápida e imediata, o jornal mural atende a um grande número de pessoas por ser um veículo exposto em locais estratégicos. Diferencial: visibilidade às informações. Serve para estimular leituras e a produção de texto, além de incentivar o debate, quando permite a participação, através de produção de notícias.

**DICA:** produzir uma caixa que fique ao lado do jornal mural convidando à participação com opiniões, poesias, ilustrações e informações de utilidade pública.

### Passo a passo

1. Discutir com a equipe: ideias e conteúdo. Definir quem gosta de escrever, desenhar, fotografar, recortar e colar.

2. Pensar nos objetivos: pense em conjunto sobre a utilidade do jornal mural. Para que ele serve? A quem se destina? Sobre o que vai tratar?

3. Pensar no formato: pode-se fazer de vários materiais, como cortiça, madeira, papel. Pode ainda ter diversas cores e tamanhos.

4. Processo de produção: como em qualquer veículo, o jornal mural segue alguns passos como reunião de pauta, apuração, redação, elaboração de *layout* (organização dos conteúdos no espaço do jornal mural), edição, revisão, fechamento e divulgação.

5. Fechamento: em conjunto, escolham pessoas no grupo responsáveis pela revisão e edição dos conteúdos, fixe-os no mural apenas depois que tudo tiver sido corrigido.

6. Acessibilidade: o jornal deve ficar em uma altura que todos possam ler, inclusive os cadeirantes. As letras dos textos devem ser maiores que as de um impresso para garantir a leitura de uma distância razoável.

7. Apelos visuais: precisa chamar a atenção! Por isso

deve ser criativo, usar e abusar de imagens, desenhos e colagens.

## FANZINE (zine)

A palavra “fanzine” surgiu da junção *fanatic* (fã) e *magazine* (revista) que designava as publicações alternativas que surgiam nos Estados Unidos, com textos de ficção científica e curiosidades.

É um veículo de comunicação alternativo pela popularização da informação e ao baixo custo de reprodução.

Dica: nova ferramenta de ensino e aprendizagem a produção de textos.

### Passo a passo

1. Definir tema: antes de tudo, saber sobre o que vai tratar o fanzine, para depois definir a forma.

2. Definir conteúdo: o fanzine pode ser informativo, com entrevistas, textos e gráficos. Pode também fazer um fanzine de desenhos, histórias em quadrinhos e fotos.

3. Definir o visual: pode ser como uma revista, com várias páginas ou em formato mais simples, com uma folha

de sulfite dobrada ao meio, para ser uma espécie de folheto de quatro páginas. Pode ainda ter um formato mais criativo, com dobras diferentes.

4. Pesquisar sobre o tema que será abordado: estimule os alunos a pesquisarem na internet, jornais, revistas, entre outros, antes de escreverem. É importante a verificação do conteúdo por eles produzido, e caso tenha algum assunto com teor preconceituoso, por exemplo, que seja aproveitado o momento para realizar um debate entre todos. Retire o conteúdo depois de trabalhado o tema.

5. Diagramação: organizar o conteúdo. Isso pode ser feito de modo artesanal, com recorte, colagem e textos escritos à mão, ou no computador, em programa de edição de imagens como o *Photoshop*. Importante deixar uma margem de 2 cm de cada lado para não ter problemas na impressão (xerox).

6. Reprodução: os fanzines geralmente são xerocados em preto e branco.

7. Distribuição: ofereça os fanzines em horários estabelecidos.

8. Conheça outros fanzines: procure trabalhos de outros zineiros para aprimorar suas técnicas!

## DINÂMICAS

### **Dinâmica: TROCA DE UM SEGREDO.**

**Objetivo:** fortalecer a amizade e a união do grupo, encontrar soluções para problemas, dar oportunidade para que os participantes exponham um problema sem se identificar.

**Material necessário:** uma folha de papel sulfite e uma caneta para cada participante. Um recipiente para armazenar todas as folhas.

**Número de participantes:** entre 10 e 30 pessoas.

**Duração da dinâmica:** 45 minutos.

**Desenvolvimento:** reúna os participantes em um local tranquilo e distribua as folhas e as canetas. Em seguida, diga para cada um escrever um problema pessoal, dificuldade ou angústia que esteja afetando sua vida no momento. Diga que não há necessidade de se identificar, mas que todos precisam ser sinceros.

Assim que todos terminarem de escrever sobre seus

problemas, peça para que todos dobrem a folha cuidadosamente e depositem o papel no recipiente. Misture todos os papéis, em seguida redistribua as folhas entre os participantes. Oriente o grupo a ler o conteúdo do papel recebido, sem fazer julgamentos.

Proponha uma reflexão individual sobre o assunto e peça para que os participantes falem sobre o problema recebido e apresente uma solução ou conselho. É essencial que todos sejam sinceros, encarando o problema como se fosse seu. Os demais participantes não devem opinar ou fazer comentários entre si.

Ao final, fale sobre como todas as pessoas passam por problemas ou dificuldades que, muitas vezes, são até parecidos entre si. Destaque a importância de se abrir com outras pessoas, explicando como pode ser possível encontrar a solução para um problema a partir do ponto de vista de uma outra pessoa que não está envolvida diretamente com a situação.

Algumas questões que podem ser feitas aos participantes, estimulando uma reflexão a respeito da atividade:

- como foi a sensação de descrever o problema?
- como você se sentiu quando ouviu seu problema



sendo relatado?

- ao ler o texto de seu colega, você conseguiu se colocar no lugar dele?

- a solução apresentada por seu colega foi útil ou importante para você?

### **Dinâmica: A ÁRVORE DO CONHECIMENTO.**

**Objetivo:** conhecer os participantes do grupo e suas opiniões relacionadas aos assuntos apresentados na árvore.

**Material:** árvore com perguntas dentro da bexiga.

**Procedimentos:** cada participante se levanta e vai até a árvore, apresenta-se para o grupo, estoura uma bexiga e lê a pergunta para os demais participantes e responde de acordo com sua opinião.

### **Dinâmica: ABRIGO SUBTERRÂNEO.**

**Objetivo:** questionar sobre conceitos e valores morais, trabalhar a questão do preconceito no grupo e exercitar uma atividade de consenso.

**Material:** caneta ou lápis e uma cópia do “abrigo subterrâneo” para cada participante. **Processo:** dividir o grupo em cinco pessoas ou dependendo do número de participantes. Distribuir uma cópia do “abrigo subterrâneo” para cada participante (está ao final). Orientar que cada pessoa deverá proceder a sua decisão individual, escolhendo até seis pessoas (da lista do abrigo) de sua preferência. Em seguida, cada subgrupo deverá tentar estabelecer o seu consenso, escolhendo também as suas seis pessoas. Ao final o facilitador sugere retornar ao grupão, para que cada subgrupo possa relatar os seus resultados.

Proceder os seguintes questionamentos: quais as pessoas escolhidas de cada subgrupo? Qual o critério da escolha / eliminação? Qual(is) o(s) sentimentos que vocês vivenciaram durante o exercício?

**Solução:** uma escolha livre de preconceitos seria promover um sorteio.

## ABRIGO SUBTERRÂNEO

Sua cidade está sendo ameaçada de um bombardeio. Você recebe a ordem de que deverá acomodar em um abrigo subterrâneo apenas três pessoas, entretanto há onze preci-

sando entrar no abrigo. Abaixo, estão quais as pessoas e suas características. Faça a sua escolha. Apenas três poderão entrar no abrigo:

- um jovem viciado
- um negro
- um aluno que acabou de sair da prisão
- um estudante evangélico
- uma menina que fica com muitos meninos
- um jovem gay
- uma menina lésbica
- um adolescente deficiente
- uma jovem de outro estado
- uma menina umbandista
- uma adolescente grávida

## DICAS DE FILMES PARA DISCUSSÃO

**O jarro - de Ebrahim Foruzesh (Irã, 1992, 86min)**

O filme se passa em uma pequena aldeia no deserto iraniano. Em uma escola, o único jarro que serve de recipiente para as

peçoas beberem água quebra, fazendo com que os alunos passem sede e tenham que fazer uma longa caminhada até o rio para poder beber água. O professor desempenha a função central no filme.

São discutidos temas muito importantes como a união e a força de um grupo.

### **A educação proibida - de German Doin (Argentina, 2012, 115min)**

É um documentário que se propõe a questionar as lógicas da escolarização moderna e a forma de entender a educação, focando em experiências educacionais diferentes, não convencionais, que buscam um novo paradigma educativo. A educação proibida é um projeto feito por jovens que compartilhando dessa visão, embarcaram em uma pesquisa em oito países realizando entrevistas com mais de 90 educadores com propostas educativas alternativas. O filme se propõe alimentar e iniciar um debate de reflexão social sobre as bases que sustentam a escola, promovendo o desenvolvimento de uma educação integral centrada no amor, no respeito, na liberdade e na aprendizagem.

### **Tanta coisa pra mudar/Se vira nos 20 - de**

### **Nós na Fita, BemTV (Brasil, 2010, 9min32s)**

Dois vídeos educativos realizados a partir de uma pesquisa sobre educação realizada em Niterói/RJ. Tanta coisa para mudar parte de quatro falas: pais, estudantes, professores e direção. Já o Se vira nos 20 trata sobre a visão dos estudantes sobre a hora do recreio.

### **Meninas - de Sandra Werneck (Brasil, 2006, 71min)**

Neste documentário a diretora Sandra Werneck acompanhou por quase um ano a vida de três adolescentes cariocas. Recém-saídas da infância, já encaram a responsabilidade de uma gravidez, com poucos recursos financeiros e todas as dificuldades que a pouca experiência de vida tende deixar ainda piores. Na história, a realidade da favela, dos moradores da comunidade, da adolescência da grande maioria das meninas que vivem naquele meio, suas perspectivas e sonhos diante da realidade de uma gestação precoce e não planejada.

### **Entre os muros da escola (Entre les murs) - de Laurent Cantet (França, 2008, 2h10m)**

François Marin trabalha como professor de língua francesa em uma escola, localizada na periferia de Paris. Ele e seus colegas de ensino buscam apoio mútuo na difícil tarefa de fazer com que os alunos aprendam algo ao longo do ano letivo. Marin tem na escola alunos problemáticos, violência, tensões étnicas entre os alunos, o que testa sua paciência e, mais importante, sua determinação como um educador.

### **Preciosa: uma história de esperança - de Lee Daniels (EUA, 2010, 1h50m)**

Em 1987, *Nova York*, bairro do Harlem. Claireece "Preciosa" Jones é uma adolescente de 16 anos que sofre uma série de privações durante sua juventude. Violentada pelo pai e abusada pela mãe, ela cresce irritada e sem qualquer tipo de amor. O fato de ser pobre e gorda também não a ajuda nem um pouco. Além disto, Preciosa tem um filho apelidado de "Mongo", por ser portador de síndrome de Down, que está sob os cuidados da avó. Quando engravida pela segunda vez, Preciosa é suspensa da escola. A Sra. Lichtenstein consegue para ela uma escola alternativa, que possa ajudá-la a melhor lidar com sua vida. Lá Preciosa encontra um meio de fugir de sua existência traumática, se refugiando em sua imaginação.

### **Pro dia nascer Feliz - de João Jardim (Brasil, 2007, 88min)**

Aborda o sistema educacional brasileiro, descrevendo realidades escolares de diferentes contextos sociais, econômicos e culturais a partir de diversos olhares sobre as realidades que constituem a estrutura educacional, seja do ponto de vista da instituição, do aluno, do professor e da família. Propõe, ainda, demonstrar o abismo existente entre as escolas públicas e privadas e a relação do adolescente com a escola focando a desigualdade social e a banalização da violência. Excelente documentário, de grande importância à intervenção dos psicólogos sociais nas escolas e comunidades no Brasil para mudar o rumo dessa realidade, mudar o modo de entender a educação e a juventude deste país.

### **Juízo - de Maria Augusta Ramos (Brasil, 2007, 1h40m)**

Juízo acompanha a trajetória de jovens com menos de 18 anos de idade diante da lei. Meninas e meninos pobres entre o instante da prisão e do julgamento por roubo, tráfico, homicídio. Como a identificação de jovens infratores é vedada por lei, no filme eles são representados por jovens não infratores que vivem em condições sociais similares.

### **Escritores da Liberdade - de Richard LaGravenese (EUA, 2007, 122 min)**

Em Los Angeles, uma dedicada professora de uma escola dividida por raças ensina uma turma de alunos adolescentes que apresenta problemas de aprendizagem. Ela tenta inspirá-los a acreditarem em si mesmos e a atingirem o sucesso, pois estão prestes a serem reprovados.

### **Sonhos Roubados - de Sandra Werneck (Brasil, 2009, 85min)**

A trama retrata o difícil cotidiano de três amigas de uma comunidade carioca, que acabam se prostituindo com o propósito de conseguir dinheiro para satisfazer seus sonhos de consumo e completar o orçamento doméstico. Baseado no livro “As meninas da esquina - diários dos sonhos, dores e aventuras de seis adolescentes do Brasil”, da jornalista Eliane Trindade.

### **Nunca me sonharam - De Cacau Rhoden (Brasil, 2017, 84 min)**



Os desafios do presente, as expectativas para o futuro e os sonhos de quem vive a realidade do Ensino Médio nas escolas públicas do Brasil. Na voz de estudantes, gestores, professores e especialistas, “Nunca me sonharam” reflete sobre o valor da educação.

### **O dia da saia - De Jean-Paul Lilienfeld (França, 2008, 87min)**

Um drama sobre uma professora, Sonia Bergerac, vítima de descontrole emocional causado pelo estresse provocado pela indisciplina dos seus alunos. Um dia descobre na sala de aula uma arma em uma mochila, toma-a e, à falta de melhor solução, usa-a para controlar os alunos e poder tentar dar a matéria. Um drama intenso que nos apresenta um rol de problemas habituais nas escolas francesas, mas também nas portuguesas, como indisciplina, abusos sexuais, racismo e até violência para com os docentes.

### **A coroa do imperador: cidade dos homens - De César Charlone (Brasil, 2002, 9min40s)**

Laranjinha e Acerola estão aprendendo na escola sobre a fuga da corte portuguesa para o Brasil e vai haver uma

excursão da turma para Petrópolis. Eles querem conhecer a coroa do imperador. A condição imposta pela professora é que todos passem por uma chamada oral sobre o assunto. Para fazer o passeio é preciso pagar uma taxa de R\$ 6,50 e para conseguir esse dinheiro os dois acabam se envolvendo com os traficantes do morro onde moram. Para complicar, na véspera da excursão o morro é invadido por uma facção inimiga e, em meio à confusão, os dois finalmente entendem o que levou Napoleão a atacar a Inglaterra e porque D. João VI teve que sair correndo para o Brasil.

### **Plataformas para assistir filmes educativos:**

**Porta curtas:** <http://portacurtas.org.br>

**VideoCamp:** <http://www.videocamp.com/pt>

**Fora de série,** um filme onde jovens narram percursos de vida e relacionamentos com a escola: <https://www.filmeforadeserie.com/>

## 7. RECOMENDAÇÕES PARA UM PROJETO SOBRE CONVIVÊNCIA ESCOLAR

As recomendações listadas abaixo advêm das análises dos questionários, grupos focais, entrevistas, observações, relatórios do trabalho de campo do Programa “O papel da educação para jovens afetados pela violência e outros riscos no Ceará e no Rio Grande do Sul”:

- contar com o apoio da escola, sobretudo, da direção e dos professores;

- propiciar um espaço escolar acolhedor que promova o bem-estar;

- atualizar e ampliar cursos de formação no que tange à metodologia e conteúdos tornando-os mais atuais e estimulantes;

- reforçar a capacitação do corpo docente para que possam trabalhar com seus alunos temas como: violência, juventude, violência nas escolas, sexualidade, discriminação, cyberbullying, drogas, gravidez na adolescência, automutilação, suicídio, entre outros;

- considerar as necessidades da cultura juvenil;

- propiciar um maior diálogo entre professores e alunos, construindo espaços

de conversa dentro e fora da sala de aula, sobre a instituição escola, as disciplinas, maneira de ensinar, formas de ser e estar na escola;

- criar mecanismos que facilitem o diálogo família e escola;

- discutir as regras da escola entre alunos, professores e demais adultos das escolas, incluindo os pais/responsáveis para que sejam consensuadas, não causem dúvida e sejam cumpridas;

- discutir a infraestrutura da escola de modo a melhorar a conservação do espaço físico e limpeza, incluindo pátios, jardins e quadras;

- melhorar a qualidade da merenda para algumas escolas;

- discutir a importância da participação juvenil, através dos grêmios e conselhos escolares, entre outros;

- incentivar a criação de grêmios escolares;

- divulgar a proposta do programa em todas as turmas e identificar quais turmas participariam efetivamente;

- eleger um professor que tenha interesse e disponibilidade para discutir e orientar as atividades do programa com os alunos;

- sensibilizar professores e alunos para que compreendam a importância do tema Violência, principalmente a verbal, e suas implicações no cotidiano escolar e na qualidade do ensino;

- discutir os diversos fatores que levam a haver violências na escola, socializando o tema entre os estudantes, professores e demais adultos e pais/responsáveis;
- formar grupos para pesquisar e trabalhar os diferentes temas e atividades do programa;
- eleger um coordenador para cada grupo de trabalho;
- elaborar diagnósticos sobre violências e convivência na escola com a participação dos adolescentes e jovens;
- observar e analisar a violência nas escolas relacionadas à lógica de funcionamento das instituições;
- estabelecer um meio (WhatsApp, por exemplo) para uma comunicação mais rápida entre os participantes;
- estabelecer dias específicos para tratar do programa;
- criar hábito de escrita para relato dos trabalhos realizados com vistas a um Relatório Final;
- estabelecer parceria entre adultos, jovens e a comunidade para minimizar o fenômeno das violências nas escolas;
- estabelecer parceria com outras instituições/serviços que atuam na rede de proteção de adolescentes e jovens.

# BIBLIOGRAFIA

ABRAMOVAY, M. (Coord.) et al. Juventudes na escola, Sentidos e Buscas: Por que frequentam? Brasília: MEC, Flacso-Brasil, OEI, 2015.

\_\_\_\_\_. Documentos de Referência. Programa de Prevenção à Violência nas Escolas. Brasília: Flacso-Brasil, 2015. Disponível em: <<http://flacso.org.br/?publication=programa-de-prevencao-a-violencia-nas-escolas-documentos-de-referencia>>. Acesso em: 02 abr. 2018.

\_\_\_\_\_. Violências nas Escolas. Programa de Prevenção à Violência nas Escolas. Brasília: Flacso-Brasil, 2015. Disponível em: <<http://flacso.org.br/?publication=violencias-nas-escolas-programa-de-prevencao-a-violencia-nas-escolas>>. Acesso em: 02 mar. de 2018.

\_\_\_\_\_ et al. Escolas Inovadoras: Experiências bem-sucedidas em escolas Públicas. Brasília: UNESCO, 2003.

\_\_\_\_\_; GIL ESTEVES, L. C. Juventude, Juventudes: pelos outros e por elas mesmas. In: ABRAMOVAY, Miriam; RIBEIRO ANDRADE, Eliane; GIL ESTEVES, Luiz Carlos (Org.). Juventudes: outros olhares sobre a diversidade. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, Unesco, 2007.

\_\_\_\_\_ (Coord.). Conversando sobre violência e convivência nas escolas. Brasília: Flacso-Brasil, OEI, MEC, 2012.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 1988. 292 p.

\_\_\_\_\_. Estatuto da criança e do adolescente (1990). Estatuto da criança e do adolescente: Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990; Lei n. 8.242, de 12 de outubro de 1991. 3. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2001.

\_\_\_\_\_. Estatuto da juventude (2013). Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013, e legislação correlata. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2013.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação e do Desporto. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Brasília, 1996.

\_\_\_\_\_. Plano Nacional de Educação - PNE/Ministério da Educação. Brasília: INEP, 2001.

CARRANO, P. C. R. Redes sociais de internet numa escola de ensino médio: entre aprendizagens mútuas e conhecimentos escolares. *Perspectiva (UFSC)*, v. 35, p. 395-421, 2017.

\_\_\_\_\_. Juventude e participação no Brasil: interdições e possibilidades. *Democracia Viva*, n.30, p. 3-5, 2006. Disponível em: <<http://site.veracruz.edu.br/instituto/revistaveras/index.php/revistaveras/article/view/311>>. Acesso em: 6 mar. 2018.

CASTRO, M.; ABRAMOVAY, M. Ser Jovem Hoje, no Brasil: Desafios e Possibilidades. Programa de Prevenção à Violência nas Escolas. Brasília: Flacso-Brasil, 2015. Disponível em: <<http://flacso.org.br/files/2015/08/Ser-Jovem-Hoje-no-Brasil.pdf>>. Acesso em: 28 mar. 2018.

CERQUEIRA, L. Guia do Diagnóstico Participativo. Brasília: Flacso-Brasil, 2015.

CHARLOT, B. Violência na Escola: o que a escola pode fazer e como? In: Seminário Juventudes, Escolas e Práticas Culturais. Teresina: Palestra proferida, 13/04/2007.

DAYRELL, J. A Escola faz as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. Revista Educação e Sociedade, Campinas, v. 28, n. 100, p. 1105-1128, 2007.

DÍAZ-AGUADO, M. J. Convivencia escolar & Prevención de la Violencia. Madri: Ministerio de Educación Instituto de Tecnologías Educativas, s.d. Disponível em: <[http://www.aulaviolenciadegeneroenlocal.es/consejosescolares/archivos/Convivencia\\_escolar\\_y\\_prevenccion\\_de\\_violencia.pdf](http://www.aulaviolenciadegeneroenlocal.es/consejosescolares/archivos/Convivencia_escolar_y_prevenccion_de_violencia.pdf)>. Acesso em: 12 nov. 2017.

GARCÍA, H.; GARCÍA, A.; DELGADO, S. Convivência escolar: aplicación de um modelo de mejora del clima social. REIFOP.12 (1), 2009. Disponível em: <<http://www.anfop.com>>. Acesso em: 13 mar. 2012.

JOHNSON, J. et al. What makes a good school? A critical examination. The Journal of Educational Research. Washington: v. 93, n.



6, jul./ago. 2000.

LIBÓRIO, R. M. C.; CASTRO, B. M. Juventude e sexualidade: educação afetivo-sexual na perspectiva dos estudos da resiliência. In: LIBÓRIO, R. M. C.; KOLLER, S. H. (Org.). Adolescência e juventude: risco e proteção na realidade brasileira. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009. p. 185-217.

MELUCCI, A. A Invenção do Presente: Movimentos Sociais nas Sociedades Complexas. Tradução de Maria do Carmo Alves do Bomfim. Petrópolis: Vozes, 2001.

\_\_\_\_\_. O jogo do eu: A mudança de si em uma sociedade global. Tradução de Adriano Marinho et al. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004.

PEDROSA, F. F. Clima Acadêmico e Promoção da Aprendizagem nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental: um Estudo sobre a Escola e a Sala de Aula. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2007.

UNESCO. Conferência Internacional sobre a Juventude. Grénoble: UNESCO, 1964.

VEIGA, I. P. Projeto Político-pedagógico da escola: uma construção possível. Coleção Magistério: Formação e trabalho pedagógico. Campinas: Papirus, 1995.

# ANOTAÇÕES





